

Sarney admite dificuldade nas negociações da dívida

P.W. EXT.

21 JAN 1987

Brasília — “Está muito difícil. Não vai ser fácil, não”. A avaliação do presidente José Sarney sobre as negociações com o Clube de Paris foi feita ontem à noite, no Clube das Nações, na despedida do embaixador Alves de Souza, ex-chefe do cerimonial do Palácio do Planalto, removido para a embaixada de Praga, na Tcheco-Eslováquia. Uma fonte da área econômica garantiu, contudo, que não há motivo para grandes preocupações.

Ná segunda-feira passada, primeiro dia de conversas, brasileiros e credores passaram por maus momentos. O principal ponto de discordância estava nas previsões brasileiras sobre a balança comercial para este ano. Os dados levados pela delegação do Brasil previam um superávit de 10 bilhões 700 milhões de dólares. Thomas Reichmann, representante do FMI na reunião, foi a primeira voz a discordar da projeção. Para ele, tomando por base números fornecidos pelo Banco Central no seu último informe à comunidade financeira internacional, a balança comercial deverá ter em 87 um superávit de 11 bilhões 500 milhões de dólares.

Reichmann não estavam totalmente sem razão. Afinal, uma semana antes, nos Estados Unidos, o presidente do Banco Central, Fernão Bracher, havia

apresentado uma projeção de 10 bilhões 200 milhões de dólares para banqueiros e autoridades americanas na semana passada.

Os números contraditórios apresentados em diversas ocasiões pelos brasileiros contribuíram para a demora no andamento das negociações. Cada número diferente de superávit comercial representa um dado diferente para a necessidade de recursos novos de que o Brasil necessitará para fechar seu balanço de pagamentos este ano. Segundo técnicos do governo, essas contradições refletem a falta de consenso entre os que estão discutindo, dentro do próprio governo, os rumos das negociações.

Durante boa parte da tarde o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, falar ou por telefone com Paris. Por volta das 16h30min, ele voltou do Palácio do Planalto, acompanhado dos seus assessores João Manoel Cardoso de Mello e Luiz Gonzaga Belluzzo, e desculpou-se por não falar aos jornalistas aglomerados na entrada privativa do ministério: “Recebi uma ligação no carro de que há telefonema para mim, de Paris, no gabinete. Não vou poder conversar.” No início da noite, Funaro reuniu-se por longo tempo com seu assessor para assuntos da dívida externa, Paulo Nogueira Batista Junior.